

Boletim

Estudos & Pesquisas

Número 43 – Julho, 2015

Expectativas do Mercado

Apois os Estados Unidos apresentarem queda de 0,2% no 1º trimestre deste ano, o governo reduziu para 2% a previsão de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) em 2015. Ainda assim, a presidente do Federal Reserve (Fed), o Banco Central norte-americano, disse que há sinais de retomada da economia e, se esse movimento se concretizar, há espaço para a primeira elevação dos juros – próximo de zero desde 2008. O mercado prevê que isso ocorra em setembro.

Em relação à Zona do Euro, as dificuldades (especialmente as políticas, impostas pela crise grega) vêm afetando a confiança do mercado. Apesar de ter fechado o acordo, a Grécia ainda terá que realizar as medidas exigidas pelos países vizinhos em tempo oportuno. Apesar disso, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) prevê que a região cresça 1,4% em 2015.

A China, por sua vez, apresentou resultados melhores do que o previsto pelo mercado: o PIB expandiu 7% no 2º trimestre em relação ao ano passado; a produção industrial cresceu 6,8% em junho, na mesma comparação; e as vendas do varejo subiram 10,6% no mesmo mês, também no comparativo anual. O governo tem tomado medidas (como redução dos juros e do compulsório bancário e aumento de gastos em infraestrutura, por exemplo), para impedir que o desempenho da economia perca o dinamismo dos anos recentes.

No Brasil, entretanto, os resultados continuam ruins. A produção industrial registrou queda de 0,6% em maio ante o mês anterior, com ajuste sazonal. No confronto com igual mês de 2014, sem ajuste sazonal, a retração foi bem maior (-8,8%) - décima quinta consecutiva nesse tipo de comparação. O varejo e o setor de serviços também demonstram queda na atividade, apontando para um desempenho negativo da economia.

Assim, a expectativa dos analistas do mercado financeiro, segundo o Boletim Focus, é de que o PIB feche 2015 com retração de 1,50% sobre 2014, recuperando-se só a partir de 2016. A inflação (medida pelo IPCA) já acumula alta de 9,31% nos últimos doze meses até junho deste ano, mas deverá encerrar 2015 com alta de 9,12%. A taxa de câmbio, por sua vez, deve se situar acima de R\$ 3,23 por dólar neste e nos próximos anos. Na sua última reunião, o Comitê de Política Monetária (Copom) aumentou a taxa básica de juros (Selic) para 13,75% ao ano, podendo chegar a 14,50% este ano, segundo os analistas.

Expectativas do mercado

	Unidade de Medida	2015	2016	2017	2018	2019
PIB	% a.a. no ano	-1,50	0,50	1,80	2,10	2,50
IPCA	% a.a. no ano	9,12	5,44	4,70	4,50	4,50
Taxa Selic	% a.a. em dez.	14,50	12,25	11,00	10,00	10,00
Taxa de câmbio	R\$/US\$ em dez.	3,23	3,40	3,40	3,50	3,50

Fonte: Banco Central do Brasil - Boletim Focus, de 10/07/2015

Confira os últimos estudos/pesquisas da UGE:

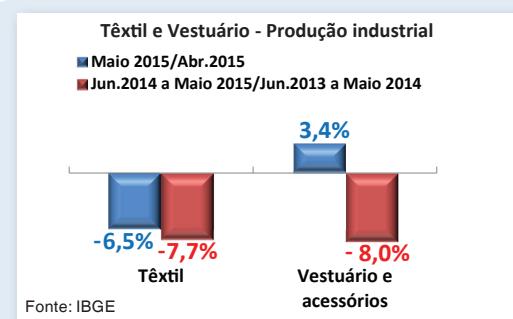
- [Crise Hídrica nos Pequenos Negócios](#)
- [Anuário do Trabalho na Micro e Pequena Empresa 2014](#)
- [Livro GEM 2014](#)

Acesse esses e outros estudos e pesquisas, clicando [aqui](#).

Notícias Setoriais

Comércio Varejista

Em maio, o comércio varejista registrou queda no volume de vendas (- 0,9%) pelo quarto mês consecutivo. Já a receita nominal não mostrou variação, feito o ajuste sazonal. No comparativo com igual mês de 2014, houve queda ainda mais acentuada no volume de vendas (-4,5%) e elevação de 1,9% na receita nominal (sem ajustes). No ano, o volume de vendas acumula queda de 2,0%, enquanto a receita nominal alta de 4,1% em relação ao mesmo período de 2014. O segmento de móveis e eletrodomésticos registra o maior impacto negativo para o indicador, com variação de -18,5% no volume de vendas em relação ao mesmo mês do ano passado, acumulando no ano queda de -6,1% em 2015. Este desempenho reflete a redução da massa de rendimento e o menor ritmo de crescimento do crédito, e, também, o fraco desempenho das vendas em comemoração ao Dia das Mães na comparação com 2014. A restrição maior do orçamento das famílias tem influenciado negativamente a maioria das atividades consideradas no indicador, a exemplo do segmento de hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, que continua sendo a segunda maior contribuição negativa na formação da taxa.

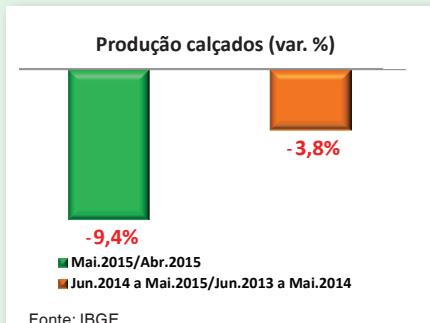


Têxtil e Vestuário

Aprodução da indústria têxtil, em maio, registrou queda de 6,5% e a de vestuário e acessórios, elevação de 3,4%, sobre abril deste ano. Nos últimos 12 meses, a produção têxtil acumula queda de 7,7% e a de vestuários, de 8,0%. Já a balança comercial deste último setor registrou déficit de quase US\$ 1,3 bilhão nos cinco primeiros meses de 2015. Os resultados negativos do setor continuam refletindo os aumentos e reajustes de itens importantes da cesta de consumo, que contribuiu para reduzir a renda disponível das famílias, além da forte concorrência com os produtos importados, principalmente asiáticos.

Calçados

Em maio, a produção brasileira de calçados manteve o resultado negativo observado no mês anterior, apresentando queda de 9,4% na produção sobre abril, passando a acumular retração de 3,8% nos últimos 12 meses. Os resultados negativos do setor no varejo brasileiro são motivados pelo desaquecimento no mercado doméstico, em consequência da inflação em alta, do endividamento crescente da população e da queda do poder de consumo das famílias brasileiras. O desempenho da balança comercial do setor também apresentou retração nos cinco meses do ano, tanto nas exportações quanto nas importações (-12,45% e -10,64%, respectivamente), ainda que tenha sido observado superávit de 187,14 milhões.



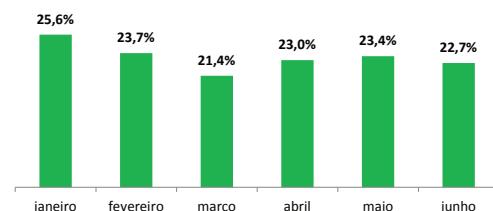
Móveis

Aprodução de móveis registrou queda de 10% em maio, frente ao mês anterior, acumulando retração de 7,5% em 2015, e de 7,2% nos últimos 12 meses. Dado que o cenário econômico mantém-se desfavorável a investimentos – altas taxas de juros, contração da renda familiar, dos lucros das empresas e restrição ao crédito –, é provável que as vendas internas continuem a apresentar pouco dinamismo nos próximos meses. No ambiente externo, o setor também vem apresentando resultados ruins e acumula déficit de US\$ 83,6 milhões no saldo comercial. No entanto, a indústria moveleira mira o crescimento das exportações na segunda metade do ano, favorecidas pela sustentação do dólar acima de R\$ 3,00 nos dois últimos meses, como alternativa para reduzir o impacto da retração do mercado doméstico.

Turismo

Segundo a Sondagem do Consumidor – Intenção de Viagem, do MTur, 22,7% dos brasileiros demonstraram intenção de viajar nos próximos seis meses (pouco abaixo do resultado do período em 2014, de 24,3%). A maior parte deles (73,3%) continua preferindo os destinos turísticos nacionais, motivação que deve ser potencializada à medida que o dólar ficar menos atraente para gastos no exterior. A região Nordeste continua sendo a preferida dos turistas brasileiros (43,2%). O avião ainda é o meio de transporte mais utilizado pela maioria dos turistas nacionais (57,5%), mas já observou queda (era preferência de 61,8% no mês anterior), possivelmente motivada pelo aumento dos preços.

Percentual de brasileiros que demonstraram intenção em viajar nos próximos 6 meses



Fonte: MTur e FGV - Sondagem do consumidor - Intenção de viagem

Artigo do mês

Anuário do Trabalho na Micro e Pequena Empresa - 2014

Paulo Jorge de Paiva Fonseca¹

Recentemente, foi divulgada a sétima edição do “Anuário do Trabalho na Micro e Pequena Empresa”, documento que resulta da parceria entre o Sebrae e o Dieese e que tem por objetivo disponibilizar aos interessados um conjunto de dados sobre o perfil e a dinâmica dos micro e pequenos empreendimentos no País.

A obra possui três capítulos, com tabelas e gráficos, sendo que o primeiro, com base nos dados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais), apresenta estatísticas dos estabelecimentos por porte, setor de atividade econômica, classes de tamanho dos municípios etc. Em seguida, são apresentados dados relativos ao número e ao perfil dos trabalhadores (escolaridade, sexo, idade, cor etc.), utilizando-se, além da Rais, bases de dados de pesquisas domiciliares como a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) e a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED). Já o terceiro e último capítulo aborda o tema do rendimento sob diversos aspectos.

Pelo Anuário, pode-se perceber, por exemplo, que as micro e pequenas empresas brasileiras continuaram em expansão nos últimos anos, apesar da diminuição do ritmo de crescimento econômico do País. Entre 2003 e 2013, houve crescimento de 33,8% do número de MPEs, o que representou expansão média de 3% ao ano e fez com que a quantidade de empregos formais quase dobrasse.

Em 2013, as MPEs respondiam por cerca de 99% dos estabelecimentos existentes, 52% dos empregos formais de estabelecimentos privados não agrícolas e quase 42% da massa de salários paga aos trabalhadores. Cresceu também, nesse período, o número de empregos com carteira de trabalho assinada e o rendimento médio real recebido por esses empregados.

Na visão setorial, o comércio manteve-se como a atividade com maior número de MPEs, respondendo, na média do período, por mais da metade do total das MPEs brasileiras. Entretanto, sua participação relativa caiu de 54,6%, em 2003, para 47,2%, em 2013, ao passo que a participação relativa do setor de Serviços aumentou, de 31,3% para 37,3%, respectivamente. Destaca-se que, em 2013, havia cerca de 3,1 milhões de MPEs no Comércio e 2,5 milhões de MPEs no setor de Serviços. Ou seja, os dois setores juntos reúnem quase 85% das MPEs existentes no País. A Construção Civil, por sua vez, embora concentre menos de 5% do total das MPEs brasileiras, registrou aumento na sua participação relativa, de 3,1% (2003) para 4,9% (2013). O maior dinamismo dos Serviços pode estar associado a melhorias na distribuição de renda e ao aumento do consumo das famílias, no período, enquanto o melhor desempenho da Construção refletiu o aquecimento do setor imobiliário.

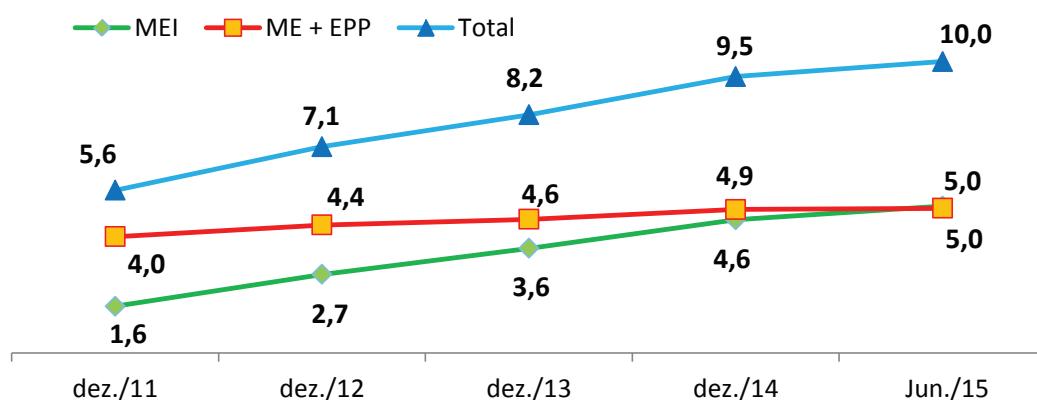
Quanto à distribuição das MPEs por localidade, no Brasil, em 2013, 68,7% delas localizavam-se no interior e 31,3% na capital, sobressaindo-se o estado de Santa Catarina, onde a concentração de MPEs no interior é de 91,5% e, na capital, de 8,5%, enquanto o estado de Roraima se destacou como o de maior concentração de MPEs na capital (82,7%), excluindo-se dessa análise o Distrito Federal, onde 100% das MPEs estão na capital.

O Anuário encontra-se disponível no site do Sebrae, no portal “Estudos e Pesquisas”.

1 Economista e analista da UGE do Sebrae Nacional.

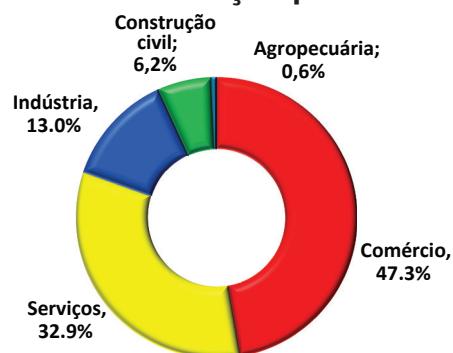
Pequenos Negócios no Brasil

**Evolução dos optantes pelo Simples Nacional
(em milhões)**

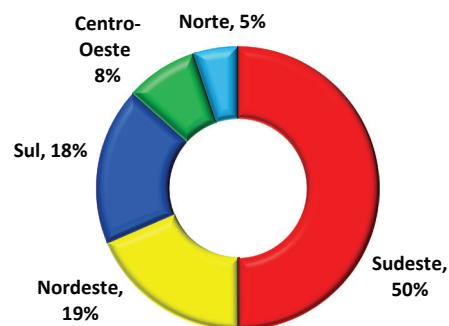


Fonte: Receita Federal

Concentração por Setor



Concentração por Região



Fonte: Secretaria da Receita Federal – março/2015

Estatísticas dos Pequenos Negócios

Participação dos Pequenos Negócios na economia	Período	Participação (%)	Fonte
No PIB brasileiro	2011	27	Sebrae/FGV
No número de empresas exportadoras	2013	59,4	Funcex
No valor das exportações	2013	0,8	Funcex
Na massa de salários das empresas	2013	41,4	Rais
No total de empregos com carteira	2013	52,1	Rais
No total de empresas privadas	2015	98,2	CSE
Outros dados sobre os Pequenos Negócios	Período	Total	Fonte
Quantidade de produtores rurais	2013	4,2 milhões	PNAD
Potenciais empresários com negócio	2013	13,2 milhões	PNAD
Empregados com carteira assinada.	2013	15,7 milhões	Rais
Remuneração média real nas MPEs	2013	R\$ 1,48 mil	Rais
Massa de salário real dos empregados nas MPEs	2013	R\$ 24,4 bilhões	Rais
Número de empresas exportadoras	2013	10,9 mil	Funcex
Valor total das exportações (US\$ bi FOB)	2013	US\$ 2 bilhões	Funcex
Valor médio exportado (US\$ mil FOB)	2013	US\$ 195,4 mil	Funcex

Obs.:

- 1. **Microempreendedor Individual (MEI):** receita bruta anual de até R\$ 60 mil.
- 2. **Microempresa (ME):** receita bruta anual igual ou inferior a R\$ 360 mil, excluídos os MEI.
- 3. **Empresa de Pequeno Porte (EPP):** receita bruta anual maior que R\$ 360 mil e igual ou inferior a R\$ 3,6 milhões.